

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

VOLUME XXVI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1987

Completam a obra um índice geral e uma abundante e rica bibliografia.

Pese embora o eventual «excesso» de reparos feitos, as características que revestem o trabalho de Peacock e Williams, principalmente as normas de classificação propostas e a excelente apresentação de cada Classe, tornam-no em obra fundamental para os estudiosos de ânforas romanas, em particular, e de economia antiga, em geral, constituindo indiscutivelmente um marco na história da investigação anfórica; para além de suprir de forma exemplar uma importante lacuna existente na bibliografia arqueológica, fornecendo um magnífico manual introdutório ao estudo destes artefactos.

CARLOS FABIÃO

Dali COLLS, *U épave de la Colonia de Sant Jordi 1 [Majorque]*. Publications du Centre Pierre Paris et du Centre d'Études et de Recherches Archéologiques Sous-Marines. Paris, Diffusion de Boccard, 1987. 1 vol., 118 p., 15 figs., 3 cartas, 21 estampas de desenhos + 12 de fotografias.

Colonia Sant Jordi é um pequeno porto de pesca na ilha de Maiorca, abrigado numa baía onde se encontram vestígios de embarcações antigas naufragadas. Segundo D. Cerdà, os naufragados corresponderiam a oito embarcações. As prospecções efectuadas por D. Colls levam este autor a reduzir os oito naufrágios apenas a três. A presente monografia publica um deles: o de uma embarcação de cerca de 27 toneladas, com 11 a 13 metros de comprimento. O anterior estudo de D. Cerdà sobre o mesmo assunto fica ultrapassado por este trabalho, no qual o autor justifica mas discretamente reivindica o mérito científico que lhe coube na exploração deste naufragado.

Apesar da modéstia dos meios técnicos de que D. Colls poder dispor e da considerável destruição do barco, o cuidado com que o autor observou os vestígios permitiu-lhe a reconstituição da técnica construtiva da embarcação. D. Colls descreve minuciosamente os diferentes elementos de madeira e de metal do casco e reconstituiu a sua articulação e montagem. A técnica construtiva é diferente de outras até agora reconhecidas em naufragados antigos. Na sua aparente modéstia, este estudo de D. Colls é, por conseguinte, um contributo valioso para a história da tecnologia naval na Antiguidade.

Os materiais cerâmicos recuperados incluem ânforas (54 peças identificáveis), campaniense (28 peças), cerâmica comum e alguns outros tipos escassamente representados, como taças com decoração em relevo, lucernas, cerâmica de paredes finas, almofarizes. Do estudo destes materiais, o autor deduz a cronologia do naufrágio: 100-80 a.C.

O autor sugere que a ilha de Maiorca foi simples porto que a embarcação procurou para fazer escala, mais do que para comerciar. O naufrágio, que surpreendeu a equipagem na baía de Sant Jordi, poderá ter sido provocado

por incêndio, de que D. Colls reconheceu vestígios, ou pelos escolhos da costa. A presença de um lastro de pedras deixa supor que o barco havia já deixado grande parte da carga em portos peninsulares ou norte-africanos.

As ânforas, integráveis quase totalmente nos tipos Dressel IA, 1C e Lamboglia 2, demonstram que o barco transportava vinhos da Campania e da Apúlia. Grande parte da cerâmica comum é constituída por vasos de transporte e conserva de azeitonas, cuja origem não pode definir-se.

A cerâmica comum é estudada de um ponto de vista meramente formal : o autor não procura definir grupos em função de características tecnológicas. Não deixa, todavia, de assinalar pormenores significativos, como uma mancha de engobe negro sobre uma das peças, prova do seu fabrico numa oficina que também devia produzir cerâmica campaniense ou de tipo campaniense.

Associando, ao domínio da técnica das escavações submarinas, o conhecimento dos materiais cerâmicos e a capacidade de reflexão histórica, D. Colls produziu uma monografia de indiscutível interesse para a história da tecnologia naval e a das relações económicas do Mediterrâneo ocidental nos inícios do séc. I a.C.

J. ALARCÃO

Michel PONSICH, *Implantation rurale antique sur le Bas Guadalquivir. Tome III.*

*Bujalance, Montoro, Andújar*, Publications de la Casa de Velázquez, Série «Archéologie», fase. VII, Madrid, Diffusion de Bocard, 1987.

1 voi., 126 p., 12 figs., 5 ests.

Nos inícios da década de 1970, M. Ponsich começou a batida sistemática do terreno nas margens do Baixo Guadalquivir, tendo em vista a inventariação dos vestígios romanos, cuja densidade, aqui, possivelmente excede a de qualquer outra área peninsular. Apesar de intensamente cultivada, da Idade Média aos nossos dias, e de estar a ser agora revolvida pela renovação das práticas agrícolas, a área conserva uma extraordinária densidade de vestígios da época romana — suficientes para justificar o envolvimento de um largo grupo de investigadores. Sozinho (ou acompanhado apenas por sua mulher, dedicada colaboradora falecida no decurso das prospecções que conduziram a este terceiro volume do inventário), M. Ponsich prossegue há mais de quinze anos, incansavelmente, um estudo que fará do vale do Guadalquivir uma das zonas do império romano mais cuidadosamente prospectadas e reconstituídas na sua paisagem rural.

Aos dois volumes publicados em 1974 e 1979, acrescenta-se agora um terceiro, que cobre a área de três folhas da carta de Espanha na escala de 1:50.000: Bujance, Montoro e Andújar, no limite oriental do Baixo Guadalquivir. O terreno mais acidentado e menos fértil, a estreiteza do vale, apertado pelos contrafortes da Serra Morena, e o reduzido caudal do Guadalquivir, que aqui perde a navegabilidade, explicam uma ocupação nitidamente diferenciada em relação às áreas anteriormente prospectadas a